

Curiaú: Visões divergentes das Festas Eletrônicas que acontecem no Quilombo

Adamor Costa Machado¹
Paulo Sergio Santos de Oliveira²
Rosinaldo Santos da Costa³

Resumo: Este artigo teve como objetivo investigar e analisar as polêmicas que envolvem as festas de aparelhagens de sons eletrônicos no Quilombo do Curiaú. Visto que, hoje, há uma quantidade excessiva de festas realizadas fora do calendário religioso-cultural local. Contudo, foi necessário compreender como ocorreu a fundação curiaúense e como essa cultura chegou aos dias atuais. Para tanto, na primeira seção deste artigo mostraremos os diversos aspectos que deram origem à comunidade quilombola e como essa cultura se alongou durante o tempo. Na segunda seção trataremos dos conflitos e polêmicas que envolvem as festas de aparelhagens de sons eletrônicos. Todavia, foi feita uma analogia das festas de aparelhagens paraense e macapaense, detectando que o público da festa eletrônica não constitui identidade, nem com o som, nem com o DJ como ocorre na festa paraense. Na terceira seção elenca as festas tradicionais que ocorrem no quilombo, além de mostrar os rituais festivos religiosos e a quarta seção estará reservada a conclusão.

Palavras-chave: Quilombo, conflitos, festas.

Introdução

O presente trabalho tem como propósito mostrar as várias visões locais das festas de aparelhagens de sons eletrônicos que estão ocorrendo habitualmente no quilombo do Curiaú. Desse modo, a construção de nossa análise se baseou em três hipóteses: as festas eletrônicas fora do calendário religioso interferem nas práticas religioso-cultural da comunidade; a presença das aparelhagens durante os eventos religioso-culturais influenciam nos valores culturais e a comunidade do Curiaú tem conseguido preservar sua cultura, apesar do contato com o elemento de ambiente urbano. Por isso, nessa pesquisa utilizamos a metodologia que tem como objetivos sanar lacunas que estão dispersas no campo social. Dessa forma, através do método hipotético-dedutivo que parte da percepção de lacunas nos conhecimentos, formulando-se hipóteses e testa-se a predição de ocorrência de fenômenos englobados pela hipótese (MEDEIROS-2010/226).

¹ Trabalho apresentado ao colegiado de Ciências sociais da Universidade Federal do Amapá, como forma avaliativa de trabalho de conclusão de curso – TCC, sob orientação da Professora Maria do Socorro Santos de Oliveira.

* Acadêmicos de Ciências Sociais – 2009

* Adamor Costa Machado – e-mail: acadamor447@gmail.com

* Paulo Sergio Santos de Oliveira – e-mail: Sergio-oliveira1968@hotmail.com

* Rosinaldo Santos da Costa – e-mail: rosinaldo.unifap@hotmail.com

Nesta predição a primeira hipótese nos revelou que as festas eletrônicas fora do calendário, configuram-se como um ponto negativo, sendo mais incisivo sobre as práticas religiosas da juventude curiauíense. Na segunda hipótese observou-se que a presença das aparelhagens eletrônicas no período de realização da festa religiosa não interfere nas práticas tradicionais culturais da comunidade, na medida em que os moradores entendem as festas eletrônicas como evolução do passado mostrado no caráter de conformidade. E a terceira hipótese indicou que apesar do contato direto com elementos urbanos e globalizantes, a comunidade tem conseguido manter viva sua cultura.

Também foi necessário para melhor compreensão do fenômeno que está disperso a observação participante que pressupõe a integração do investigador ao grupo ou sociedade estudada (COSTA-2005/343). Partindo-se da coleta de dados por entrevistas podendo ou não confirmar as hipóteses levantadas; foi de suma importância o uso de gravador para que pudéssemos ter melhor percepção das histórias que envolvem a comunidade. Neste aspecto, a metodologia nos ajudou compreender o fenômeno que está envolvendo os moradores da comunidade.

Para entendermos os conflitos que estão ocorrendo no local utilizamos observação participante para que pudéssemos ter melhor percepção da realidade local. Posteriormente, participamos das festas religiosas, além de está presente nos eventos que ocorreram semanalmente na comunidade, isto nos permitiu ganhar a confiança e ter maior aproximação com os quilombolas. E assim, podemos registrar os eventos festivos através de fotografia e também nos facilitou a realização das entrevistas com os moradores. Este artigo está estruturado em quatro tópicos.

No primeiro tópico fizemos uma pequena digressão para compreendermos como surgiu o quilombo do Curiauí. Essa digressão nos permitiu conhecer as histórias que envolvem a comunidade. Neste sentido, podemos perceber as possíveis formas fundadoras do quilombo como: o caminho que levou a mudança do nome Criaú para o nome Curiauí; os escravos que fugiram de trabalho forçados na construção da Fortaleza de São José de Macapá; a herança deixada pelo senhor Miranda aos seus escravos e ao mesmo tempo, observamos a maneira pela qual a comunidade transmite sua cultura tradicional e a mantém viva.

No segundo tópico trataremos dos conflitos que estão envolvendo as festas de aparelhagens e os líderes comunitários. Além de mostrarmos que as festas se desdobram ao mesmo tempo em diversão e conflitos; também foi percebido que há múltiplos interesses que estão disseminando o conflito na comunidade e podemos perceber que há várias visões divergentes que ocorrem no local. Também foi detectada uma proliferação das festas fora do calendário e ao mesmo tempo, percebemos a imissão de festa de cunho religioso-cultural. Todavia, observamos que o ritmo brega está ligado as aparelhagens como forma divergente do mercado tradicional musical, se configurando em um mercado paralelo e ao mesmo tempo, fizemos uma analogia das festas de sons eletrônico paraense e macapaense e percebemos que as ações performáticas das aparelhagens são divergentes e vimos que o público da festa eletrônica não constitui identidade, nem com o som, nem com o DJ como ocorre nas festas paraenses.

O terceiro tópico elenca as festas religiosas que ocorrem na comunidade e também destacamos as particularidades que envolvem as festas tradicionais do quilombo, além de mostrar como acontecem os rituais no período festivo religioso e o quarto tópico estará reservado à conclusão.

1 Curiaú: uma breve abordagem histórica

A questão quilombola no Brasil, ainda hoje, suscita grandes polêmicas. No entanto, percebe-se que as tentativas de minimizar o atraso social constituído por mais de trezentos anos de escravidão levantam discussões abrangentes. Na atualidade, os debates estão enfocando o reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombos.

Como ressalta LEITE, (2000, p.348): “atualmente o termo quilombo vem expressar alguma necessidade de parte da sociedade brasileira de mudar o olhar sobre si própria, de reconhecer as diferenças que são produzidas como raciais ou étnicas”. Assim sendo, o reconhecimento das áreas de remanescente de quilombo legitima as terras com real merecimento.

O Amapá foi inserido neste contexto através de fins econômicos. Seu principal propósito foi atender as exigências da metrópole portuguesa que buscava meios para sanar a crise econômica que lhe era inerente. Por esse motivo, durante o período pombalino foi

criada a Companhia do Grão- Pará e Maranhão, com o objetivo de introduzir sistematicamente “escravos africanos para a região” do grão-pará (ANDRADE, 2000). Neste sentido, observa-se que a construção sócio-política no território brasileiro foi feita pelo alto (FIGUEIRA, 2005) e não atendeu e muito menos chegou a contemplar, em longo prazo, a população remanescente de quilombo desta nação. Esse fato significou o aumento da desigualdade social no país. Por isso, essas medidas se fazem necessário para reparar esse desnível social que hoje existe no Brasil.

A partir de 1988, a Constituição da Republica Federativa do Brasil, em seu artigo 68 legitimou, o reconhecimento, a titularidade das terras dos descendentes e remanescentes de quilombos², o Decreto lei número 4.887 de 20 de novembro de 2003, em seus Artigo 1º e 2º respectivamente, tratam dos “procedimentos administrativos”, e dos “grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica”, além da “Instrução normativa” do INCRA, número “57 de 20 de outubro de 2009 regulamenta o procedimento. Neste sentido, LEITE, (2000, P- 334) diz que nas duas últimas décadas os “descendentes de africanos” passaram a se mobilizar “em todo o território nacional, organizados em associações quilombolas,” reivindicando “o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento,” além de valorização de “suas práticas, crenças e valores considerados em sua especificidade”.

O direito a terra sempre foi uma luta que vem ao longo do tempo ganhando espaço no território nacional e a lei vem concretizar essa luta. Porém, para a população Afro-Descendente, que foi excluída ao longo desse processo e não teve direito de permanecer no território que ocupava, o reconhecimento é de suma importância. Desse modo, a

² Já a primeira Lei de Terras, escrita e lavrada no Brasil, datada de 1850, exclui os africanos e seus descendentes da categoria de brasileiros, situando- os numa outra categoria separada, denominada “libertos”. Desde então, atingidos por todos os tipos de racismos, arbitrariedades e violência que a cor da pele anuncia – e denuncia –, os negros foram sistematicamente expulsos ou removidos dos lugares que escolheram para viver, mesmo quando a terra chegou a ser comprada ou foi herdada de antigos senhores através de testamento lavrado em cartório. Decorre daí que, para eles, o simples ato de apropriação do espaço para viver passou a significar um ato de luta, de guerra. Tudo isto se esclarece quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado. Inaugura uma espécie de demanda, ou nova pauta na política nacional: afro-descendentes, partidos políticos, cientistas e militantes são chamados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas. (LEITE, Ilka Boaventura. 2000, 335)

titulação é uma forma concreta, para corrigir o déficit de desigualdade social que ocorreu no País. Com isto, o cumprimento da lei se materializa com o reconhecimento das comunidades quilombolas em todo o território nacional.

No último levantamento, feito em maio de 2012, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, já existem no país “121 títulos emitidos, regularizando 988.356,694 hectares em benefício de 109 territórios, 190 comunidades e 11.946 famílias quilombolas.” Esses dados se comparados ao número de comunidades que estão em fase de análise para receberem a titulação é incipiente, como mostra o INCRA em seu “relatório territórios quilombolas”. Nesse documento, “é possível encontrar dados dos processos a que estão submetidas às 1.826 comunidades certificadas do país”.

Segundo informações do INCRA e da Fundação Palmares “Até 2011, foram identificadas 138 comunidades remanescentes de quilombolas no estado do Amapá.” Contudo, somente “30” tiveram certificação “emitida pela Fundação Cultural Palmares” das quais, “03 comunidades tiveram seus títulos” definitivos emitidos: “Curiaú, Mel da Pedreira e Conceição do Macacoari, todas localizadas no município de Macapá.” (Disponível em: www.incra.gov.br)

O Curiaú é uma comunidade de remanescente de quilombo. Está localizado na zona norte, há 8 km do centro da capital Macapá/AP. O acesso ao local se dá através da rodovia (AP/070) ou também como é conhecida rodovia do Curiaú. “Em 03 de novembro de 1999” foi à primeira população quilombola do Estado, a receber a titulação quilombola. Esse reconhecimento veio fortalecer a identidade curiaense, ou seja, como ressalta VIDEIRA (2010, 68) nos “territórios quilombolas cada morador sente-se parte do lugar por ligar-se a ele por sentimentos e conhecimentos que lhes foram passados por seus ancestrais”.

Alguns autores apontam divergência quanto à gênese da comunidade, afirmando que há diferenciação em relação ao próprio nome Curiaú. Segundo CAMPOS, (2002, 42/43) o quilombo originalmente se chamava “CRIAÚ” que seria o local de criadouro do gado. Contudo, se desmembrado o “U” este passa a ter o som expelido pelo boi, daí resulta que a denominação “CRIAÚ” denota “criar gado”, pois “CRIA” é igual a criar e o “U” igual a gado”. Portanto, para a autora o nome “CRIAÚ” é o lugar propício a criação de animal bovino e bubalino. Além disso, a autora destaca que a mudança do nome

ocorreu por que a primeira professora do local achou incorreta a pronúncia “CURIAÚ” e a mudança foi ocorrendo sem que houvesse percepção da comunidade. Ainda há outras afirmações de que o quilombo tem sua história relacionada à criação da vila de São José de Macapá e a construção da Fortaleza de São José³ onde teriam trabalhado como escravos. Além dessas afirmações, ainda existe a narrativa de moradores citada por OLIVEIRA (2006) que a terra do quilombo foi deixada pelo “Senhor Miranda” aos irmãos “Inácio,” que eram cativos de sua propriedade e também teria originado a comunidade Afro-Descendente.

Embora se identifique uma diferença nos discursos sobre o passado histórico de Curiaú, essa diferença pode não significar uma contradição, ou uma crise interna de maior profundidade, uma vez que a narrativa da gênese do Senhor Miranda, os... pioneiros da comunidade é mantida sem nenhuma alteração, pois [os] heróis seriam, na ordem indicada por Sebastião Silva (2000), o Senhor Miranda, dono dos escravos-herdeiros e os próprios escravos Francisco Inácio, João Inácio, Domingas Inácio, Dimiciano Inácio, Manoel Inácio, Inês Inácio e Domiciana Inácio, que dão início à vida naquele lugar que hoje se chama Curiaú OLIVEIRA, 2006, 43

Como ressalta Edna Oliveira, a “história narrada pelos moradores de Curiaú... poderia ser considerada como o épico do Curiaú” e os heróis desse épico, seriam os fundadores da comunidade e os “porta-vozes da história” que é contada pelos Afros – Descendentes mais velhos. Neste sentido, a gênese do Curiaú está ligada a memória coletiva dos moradores e os indivíduos que visam à transmissão desse conhecimento através da “oralidade.” Assim sendo, a memória curiaúense se manteve e se desenvolveu através da tradição transmitida de geração em geração.

Após a observação das possíveis formas fundadoras do quilombo do Curiaú e a maneira pela qual a comunidade transmite sua cultura e a mantém viva. Outro ponto merece destaque, trata-se das festas de aparelhagens de sons eletrônicos que está ocorrendo semanalmente na comunidade. Esses tipos de eventos esta contribuindo para possíveis conflitos no local e provocando divergência entre os principais representantes da comunidade. Nesta perspectiva, mostraremos que as festas provocam diversão e ao mesmo tempo conflitos. Dessa forma, podemos perceber as visões conflitantes que está ocorrendo no quilombo. Essas festas, em geral são shows dançantes (RODRIGUES, et al, 2010) que

³ Monumento que está localizado na orla da cidade de Macapá/AP as margem do Rio Amazonas.

não fazem parte da tradicionalidade cultural festiva curiaúense, por esse motivo está divergindo a comunidade quilombola e provocando certo conflito.

2 As varias visões divergentes das festas de aparelhagens de sons eletrônicos no Curiaú: diversão e conflito.

A comunidade quilombola é um povoado muito conhecido em Macapá e atrai visitantes da região e turistas em função de sua beleza natural; produção de artesanato e das festas que ocorrem durante o ano. Esse povo cultiva suas tradições festivas e possuem locais favoráveis a realização de festas, causa impulsionadora que leva a comunidade a ser vista como palco de constantes festas eletrônicas ou de aparelhagens.

Atualmente a aproximação com o centro urbano vem trazendo algumas complicações para os moradores, isto em função das constantes festas eletrônicas ou de aparelhagens que estão ocorrendo periodicamente semanal, quinzenal e mensalmente no Curiaú. Em entrevistas realizadas com moradores e algumas lideranças da comunidade obtivemos informações que o local vem sofrendo profundas transformações devido à forte pressão urbana, haja vista que a comunidade do Curiaú, está localizada em uma área privilegiada e de forte pressão imobiliária. Além da proximidade fronteiriça com os bairros da cidade como: o Novo Horizonte, Ipê, Jardim Felicidade - II e Brasil Novo.

Diferentemente do passado, em que a comunidade gozava de boa tranquilidade, pois não existiam festas de aparelhagens de sons eletrônicos e toda festa realizada obedecia apenas o período festivo religioso, hoje, essa rotina costumeira foi transformada com as festas fora do calendário religioso e a comunidade vem passando por mudanças em seu modo de vida tradicional e sócio-cultural. Segundo a moradora Jozineide Araújo a comunidade “está valorizando mais o baile do que a festa tradicional que realmente é o Batuque e o Marabaixo. Então isto acaba trazendo um dano muito grande para as nossas culturas e tradições”.

Segundo relatos obtidos a partir de entrevistas com alguns moradores, a valorização da festa eletrônica trás um impacto cultural de grande proporção para a comunidade e isto é percebido com as mudanças ocorridas em relação às festas tradicionais. Este contexto denota, sobretudo, o pouco interesse de uma parcela de pessoas

da comunidade, especialmente os jovens, nos eventos culturais tradicionais, preferindo às festas eletrônicas em detrimento a cultura quilombola.

Embora possamos compreender a festa como um momento de alegria, espetáculo e devoção, também podemos entender a festa como um meio de divergência, podendo levar ao conflito. Afinal, a festa requer um entrelaçamento de indivíduos que constitui redes de relações sociais e pode se alongar no tempo e construir um espaço que a identifique com um grupo, com isso, a festa pode ser a marca de identificação de uma sociedade, como: o carnaval com o Brasil, a festa de Todos Santos na Bahia, a festa do Círio de Nazaré em Belém, a festa religioso-cultural do Curiaú e outras. Segundo COSTA (et al,2010)

a festa, tomada num sentido amplo, mantém vínculos importantes com o tempo em nossa sociedade. ... os eventos festivos apresentam uma dupla abertura para o passado e para o futuro. ... os sujeitos que a constroem e lhe atribuem significados tendem a reivindicar precedentes sócio-culturais e possibilidades futuras da sua prática, que reproduzam seu conteúdo subjetivo (Costa; et al, 2010, P-106)

Então podemos entender o duplo sentido da festa, a busca no passado, para se reinventar no futuro e se alongar no tempo através de sua subjetividade. A identificação do sujeito com a festa seja ela profana ou religiosa pode construir um arcabouço cultural na qual o indivíduo se identifica, por isso, ela pode se alongar no tempo e no espaço e dessa forma construir uma identidade que passa a ser a marca sociocultural de sua reprodução subjetiva. Esse entrelaçamento da festa nos dará margens para compreendermos as formas divergentes que estão envolvendo as festas eletrônicas ou de aparelhagens vigentes no Curiaú. Não é por acaso, diversão e conflito, estão intimamente ligados, sobretudo, em função da ocorrência de festas⁴ promovidas dentro da comunidade curiaense, em locais como: Curiaú Mania, Gorgia, bar Marabaixo e Poirão. Com isso, as festas de

⁴ A festa, percebida em sua dimensão histórica e social, é uma prática que está inserida no campo dos conflitos e negociações desenvolvidos na sociedade. A festa popular, na sociedade urbana e industrial, é um fenômeno complexo que abarca mediações econômicas (empreendimentos, oferecimento de bens culturais) e políticas (sistemas de troca de interesses, conflitos por poder e prestígio). Por conta disso, ela não pode ser considerada unicamente como expressão da alienação de um ou vários grupos sociais ou, num pólo oposto, como meramente um mecanismo de “resistência” à indústria cultural ou a esta entidade opaca que é a “cultura dominante”. Trata-se de uma experiência cultural mutante ligada às diversas esferas da vida social, cuja reprodução está condicionada à multiplicidade de interesses de agentes internos e externos ao evento. (COSTA,2006, P.83)

aparelhagens de sons eletrônicos assumem certa dualidade, pois ao mesmo tempo em que promovem diversão, também geram conflitos. Isso por que: as festas promovidas em lócus atraem um público considerado do centro urbano; conseqüentemente, junto com esse público, vem o aumento de problemas urbanos, uma vez que as festa com grandes aparelhagens causam desconforto para os moradores do local, por que há um aumento considerável de perturbação da ordem e do sossego; e, porque o lixo deixado causa poluição ambiental, além da violência . Esses fatores estão divergindo a comunidade, (daí a ideia de diversão e conflito), pois, de um lado existem as pessoas que apoiam a realização da festa, visto que existe um lado econômico envolvido. Como destaca o agricultor e escritor Sebastião Menezes da Silva, “hoje, [a festa]... ta causando impacto, mas ela não deixa de ser um ponto positivo que é a questão financeira, e isso ta ajudando a comunidade. Em parte, ela trás problemas que é o lixo, a poluição sonora, e contrariam [algumas] pessoas” e o jovem Felipe A. dos Santos do Rosário em seu relato diz ele “eu não sou contra, porque se for buscar lá atrás, eu também faço festa, e por isso eu não vou ser contra. É importante frisar que ambos são contrários aos excessos de festas que ocorrem durante os finais de semanas e favoráveis que a própria comunidade realize, ou melhor, promova as festa e os dividendos venham a beneficiar a comunidade como um todo, por que da forma como vem sendo feita, a comunidade fica alijada do processo financeiro e a lucratividade não circula dentro do quilombo e também não trás benefícios para os moradores. Por isso, o morador que permite, autoriza, a realização de festa está ferindo determinadas regras estatutárias. Isto por que só existem dois beneficiários, os donos da casa que cede o espaço e o promotor das festas como relata o jovem Rosário na “maioria das vezes, essa é realidade dessas festas, servem para angariar dinheiro para as pessoas que estão fazendo e o dinheiro fica só pra eles⁵” e o senhor Sebastião Menezes da Silva⁶

eu sou contrário as próprias pessoas da comunidade ta deixando as pessoas de fora ta vindo fazer promoções aqui dentro, ...isso é errado. Então, só esse fato de às vezes as pessoas da comunidade tarem cedendo a sede pra que essas pessoas venham fazer a festa é errado demais porque o certo é a propria comunidade, ela mesma ta se ganhando lucro dentro da comunidade e não se deixa os outros levar daqui pra fora.

⁵ Entrevista realizada em 23/01/13.

⁶ Entreviste feita em 13/01/13.

Por outro lado, há moradores que lutam pela proibição das festas eletrônicas no quilombo. Dizem que traz transtornos para a comunidade, como nos relatou a presidente da Associação dos moradores do Quilombo do Curiaú, Jozineide Araújo⁷. Segundo ela, hoje a comunidade é obrigada a conviver com esse tipo de evento que nada tem a ver com sua tradição e desabafa: “a gente é obrigado... tolerar esse tipo de [festa]. Seria a coexistência das aparelhagens de som com as nossas culturas e tradições.” Neste sentido, a festa eletrônica no Curiaú está promovendo diversão e ao mesmo tempo conflito, pois envolve duas partes que visam interesses diferentes, portanto, há em disputa valores culturais distintos. Nesse entrelaçamento estão envolvidos agentes tradicionais, que representam as festas religiosas e culturais e o moderno aparato tecnológico das aparelhagens de sons eletrônicos que se tornou parte integrante do cotidiano curiauíense. Contudo, e nessa lógica é interessante ressaltar três aspectos que coadunam esse fenômeno. O caráter de conformidade, o caráter disforme das festas eletrônicas no Curiaú e o caráter de poder.

Na primeira visão, destacamos as festas de sons eletrônicos como forma evolutiva das festividades do passado. Em entrevistas realizadas com Sebastião Menezes da Silva, João Cruz e Jozineide Araújo, foi constatada que antes os bailes profanos eram animados por clarinetes, violas e posteriormente vieram os chamados sons eletrônicos três em um. Neste sentido, há uma conformidade, por que hoje não seria possível animar as festas com os instrumentos de antigamente. Portanto, a comunidade se adequou as mudanças de instrumentos, e aderiu às novas formas que a tecnologia propiciou para a animação das festas profanas. Com isso, ocorreu uma “mudança cultural” com a agregação das festas de aparelhagens de sons eletrônicos. Na cultura de certa forma alguns valores se perdem e outros são agregados. Neste sentido Laraia (2009, p.96) destaca que há duas formas de acontecer essas mudanças, através de um fator interno, “resultante da dinâmica do próprio sistema cultural” e o outro ocorre através de fatores externos que é o “resultado do contato de um sistema cultural com outro.” Daí resulta as transformações que acompanharam a forma de entretenimento profano e permite a permanência das aparelhagens no período religioso-cultural.

⁷ Entrevista realizada em 04/02/13.

Na segunda visão, destacamos o caráter disforme das festas de aparelhagens de sons eletrônicos, isto em função da liminar que proibia qualquer tipo de festas na comunidade. Dessa forma, seria proibir também a festa religioso-cultural. Esse foi um dos problemas conflitantes existentes em torno das festas de aparelhagens de sons eletrônicos na área e gerou certa divergência entre os principais representantes da comunidade. Porém, nesse ponto há substancialmente um equívoco que permeou a interpretação da liminar por alguns líderes do lugar. Pois, o mal entendido recaía sobre a festa religioso-cultural. Desse modo, a liminar proibia a festa semanal que ocorre atualmente e não o festejo tradicional da cultura curiaúense.

Na terceira visão, o caráter de poder denota o Estado como criador de cultura e daí se constitui a sua forma ideológica. Segundo CHAUI (2008), o Estado transforma “a criação social em cultura oficial”. Agindo dessa forma, o Estado se apropria e dissemina a cultura para toda a sociedade, com isto, passa a configurar como provedor de cultura. Nesta questão, seu intuito maior era de ganhar visibilidade, tanto com a comunidade, como a mídia. Essa configuração se materializa a partir do momento em que o governo de João Alberto Capibaribe passou a fornecer dividendo financeiro para a realização das festas no Curiaú. Desta maneira, A Fundação Estadual de cultura do Amapá (FUNDECAP) passou a patrocinar os eventos religioso-culturais e isso permitiu a proliferação de festa em muitas comunidades. Pois, comunidades que não faziam festas antes, agora passaram a fazer “festas todos os finais de semanas” para garantir o dinheiro governamental. Segundo Silva.

O que viciou todas as comunidades a ter esse excesso de festas todos os finais de semana. Foi quando o governo do Capibaribe criou aquela fundecap pra dar dinheiro para fazer festas. ...Por que antigamente não, você fazia uma festa de santo um ano, no outro você tinha que deixa o boi crescerem, os porco que era daquele santo crescer e você se planeja financeiramente pra fazer a festa, mais depois que o governo tava dando o dinheiro a vontade, todo mundo planejava, a festa. Sabia que o dinheiro ia sair. Então meu irmão isso aí virou febre. Todas... as comunidades aqui ao redor...tão fazendo festa em homenagem ao santo, (...) por que foi mais fácil ele adquirir um santo para fazer festa de que ficar fora de ganhar o dinheiro do governo, então foi aí que começaram a criar copia e cópia de batuque e marabaixo e levar pra todas as comunidades. (Sebastião Menezes da silva entrevista realizada em 13/01/13)

Esses fatores contribuíram para certa monopolização do santo, ou seja, o santo deixa de ser do coletivo para se tornar uma mercadoria individualizada e a festa é a moeda

de troca para receber recursos que o governo destina a promoção dos momentos festivos e o santo torna-se uma propriedade pessoal.

No tópico acima tratamos dos conflitos que envolvem as festas de aparelhagens de sons eletrônicos no quilombo do Curiaú e percebemos que há múltiplos interesses que disseminam o conflito na comunidade. Também mostramos a proliferação das festas fora do calendário e ao mesmo tempo, percebemos a imissão da festa religioso-cultural pelas outras comunidades. Além de perceber as visões conflitantes que divergem os líderes comunitários. A seguir faremos uma breve análise do mercado da música brega paraense mostrando sua estrutura. Pois esse ritmo, antes considerado periférico, está intimamente ligado as festa de aparelhagens de sons eletrônicos na capital paraense e está se difundido pelo país.

2.1 Festa no quilombo: o ritmo brega e as aparelhagens de sons eletrônicos no Curiaú.

Nas últimas décadas o mercado da música vem sofrendo algumas transformações e uma nova camada social que antes estava alijada do processo cultural, agora, reivindicam maior participação sobre os bens culturais. Os ritmos marginalizados, destinados a periferia das grandes capitais como: o funk carioca, o reggae maranhense, o rap paulista, o forró nordestino, o brega paraense passaram a configurar o cenário musical brasileiro e aos poucos foram construindo um espaço na mídia.

Apesar de ter figurado como um ritmo que esteve atrelado ao público sem aptidão musical e associado ao “mau gosto” (FAVARETO, et al,2007) o ritmo brega paraense está entre os ritmos mais empolgantes e atrai um grande público aos shows artísticos.

O ritmo brega tradicional, que tem sua melodia rítmica mais próxima ao bolero, nos últimos anos vem incorporando novas batidas rítmicas que deram origem em derivações como: Brega Calipso, Tecnobrega, Cybertecnobregas e Brega melody que animam as festas de aparelhagens eletrônicas no Curiaú. Tais ritmos sofreram forte influência da “música eletrônica que circula mundialmente na Web.” (LEMOS, 2008, p.21, Apud, SILVA; et al ,2011,p-03) e está diretamente ligado com as festa de

aparelhagens eletrônicas que hoje ocupa um espaço privilegiado na noite festiva amapaense e atrai um público cativo em direção as sedes festivas do lugar.

Tratamos sobre o mercado da musica brega paraense e observamos a sua relação com as festas de aparelhagens. Além de mostrar que este ritmo se constituiu em um mercado que contrasta com o mercado tradicional da indústria cultural.

2.2 As festas de aparelhagem

festas de aparelhagens envolvem todo um conjunto de equipamentos tecnológico modernos. Suas atuações em geral envolvem apresentações de shows performáticos que se destaca em função das vinhetas sonoras que enaltecem a aparelhagem. Assim sendo, as festas de aparelhagens de sons eletrônicos envolvem uma estrutura conjuntural “de práticas e relações sociais significativas, construídas, desenvolvidas e reproduzidas cotidianamente por mecanismos e recursos estético-performáticos que se direcionam e se condensam numa ordem festiva.” (LIMA,2008,p-78) . No estabelecimento dessa relação festiva, o DJ e a aparelhagem são partes fundamentais nessa construção ideológica. Essa relação ideologizada se configura nas letras das músicas feitas ora para o DJ, ora para a aparelhagem ou então para ambos e é cantado pelos artistas que divulgam suas músicas nas aparelhagens e fazem pequenas participações.

Vejam algumas letras que enaltecem o som e o DJ. “nessa balada eu vou curtir, dançar junto com o J.C. eu vou me apaixonar” – Banda Fruto da terra; “mega príncipe, esse som já me conquistou, na mega coroa eletrônica... com o DJ. Edilson e Edilson soltem o som eu to que to maluquinha de desejo, eu quero te conquistar”- Banda Melodia; “mais uma historia de um grande amor... naquele baile dancei com o rubi... DJ. Gilmar que me faz recordar, Betinho saudade e o Mauricio classe – A... a nave da saudade é o rubi saudade que me faz dançar – Rosilene Santos.

As festas no cenário paraense se constituem em um momento nostálgico se configurando em uma similitude “entre público, festa e aparelhagens⁸”, sobretudo, com a

⁸ [...] empresas de sonorização voltadas especialmente para a realização de festas de brega. Normalmente de propriedade familiar [...] as aparelhagens passam de pai para filho. Da mesma forma, suas diversas funções de gerenciamento são divididas entre os membros masculinos do núcleo familiar. [...] no sentido estrito, a aparelhagem é o equipamento sonoro composto de uma unidade de controle e seu operador (o DJ), que

permanência dos “fãs – clubes” que acompanham as aparelhagens em todos os shows e isto se constroem através dos vários ritmos que animam as festas (LIMA,2008,p.21).

Atualmente a capital amapaense entrou na rota das festas de aparelhagens, em especial as festas ocorridas no quilombo do Curiaú rotineiramente. As aparelhagens como: o Super JM HI TECH , Matrix Revolution, Hipper Som e o JE O Falcão Blindado, estão constantemente se apresentando nas sedes curiaense como mostra a foto – 1.

Aparelhagem Matrix Revolution



Fonte: Arquivo pesquisa de campo.

Esses eventos atraem um público cativo, contudo, não há uma identificação do público com a aparelhagem, nem com o “DJ”, e também não há presença de “fã – clube” como ocorre nas festas de aparelhagens na capital paraense, onde os grupos que seguem as aparelhagens se identificam utilizando “camisetas, faixas, bonés” como construção de identidade. (LIMA, 2008, p-49/50)

possibilita o uso de diversos recursos e alta qualidade na emissão musical, e suas caixas de som, que comportam diversos alto-falantes e *tweeters*, agrupados no formato de colunas de 3 a 5 metros de altura, aproximadamente. (COSTA, 2006, p. 95. Apud, Lima,2008,p-20)

As festas de aparelhagens no quilombo atraem um grande número de pessoas do centro urbano e normalmente trajam as seguintes vestimentas como: do sexo masculino, a maioria dos homens trajam bermudas e outros calças jeans e as mulheres vestem short, calças compridas, saias e vestidos bem justo ao corpo.

Para chegar até o local da festa utilizam carro particular que trás em média entre três e cinco pessoas, também se transportam de motocicleta que geralmente trás o carona, ou de táxis que chegam com lotação máxima, em cinco pessoas. Durante a realização das festas costumam ficar em grupo. Para atender esse público são executados os mais diversos ritmos musicais como brega, forró, pagode, Zouk Love e outros os eventos festivos ocorrem nas sedes do Curiaú Mania, propriedade do senhor Modesto; do Gorgia que promovem festa fora do calendário e festa de santo Poeirão promovem festa profana e religiosa e Bar Marabaixo do senhor Jorge Brasil e seus filhos que fazem semanalmente a Domingueira que não faz parte do calendário festivo religioso-cultural. As pessoas que frequentam esses locais dançam, e consomem bebidas alcoólicas e não alcoólicas.

Um aspecto pode ser observado entre as aparelhagens e o público que figuram no cenário festivo do Curiaú.

Ao analisar o entretenimento em Três Corações Magnani destaca os “elementos básicos constitutivo do pedaço,” esses elementos irão corresponder a uma rede de relações que servirão de ponto referencial para determinar as definições de um determinado lugar, onde poderá ocorrer o encontro entre os indivíduos de um determinado local e essas referências constituem o núcleo do pedaço

No quilombo do Curiaú esse referencial nuclear está ligado às sedes onde ocorrem as festas de aparelhagens. Nestes locais, estão imbricados entrelaçamento de relações sociais que não fazem parte do “pedaço,” visto que segundo MAGNANI (1998, p.102) para pertencer ao “pedaço” deve existir o estabelecimento de “relações de amizade com a comunidade” Nesta lógica, esse contato deve ser feito previamente e isso não ocorre nas sedes e nem com a comunidade. As pessoas são atraídas para a festa por meio da mídia e vem em função da diversão e não por que criaram vínculo com a comunidade. Seu compromisso é único e exclusivamente com as horas de diversão que ocorre nas festas de som eletrônico fora do calendário festivo cultural. Portanto, o frequentador da festa não está ligado “por laços de parentesco, vizinhança”, salve a exceção dos moradores que

frequentam as festas e suas relações se constroem através de tais características. Neste contexto, essa ligação se constrói superficialmente e o participante das festas no Curiaú se torna apenas um “chegado” do local. (MAGNANI, 1998, p.113) e quando encerra a festa ele já está informado onde ocorrerá o próximo encontro.

Na seção acima fizemos uma analogia das festas de sons eletrônico paraense e macapaense e detectamos que as ações festivas performáticas da aparelhagem belenense são divergentes da macapaense e vimos que o público da festa eletrônica não constitui identidade, nem com o som, nem com o DJ como ocorre nas festas paraenses.

No próximo bloco trataremos dos eventos religiosos que estão presente no quilombo curiauíense, informando o período que cada evento sagrado ocorre. Além dos rituais que regem essas festas tradicionais.

3 O calendário das festas religiosas do Curiaú

A comunidade quilombola do Curiaú é também conhecida em função das festas religiosas culturais que decorrem durante todo o ano, obedecendo a um calendário que tem início em janeiro com a festa de “São Sebastião 19 e 20, em fevereiro acontece festividade de São Lázaro nos dias 10 a 12 realizada pela família de seu Joaquim Tibúrcio Ramos” já falecido, a festividade de “Santa Maria realizada nos dias 30 e 31 de maio” e (SILVA, 2004, p.28), a festa de São Benedito que é celebrada nos dias 15 e 16 de outubro, pela família do jovem Manoel Felipe Bisneto, são festas do calendário religioso da comunidade que celebram o ritmo do Marabaixo, a última é de tradição recente na comunidade sua realização é de apenas quatro anos, haja vista que anteriormente era realizada no bairro São Lázaro em Macapá, onde residia o jovem Felipe, sendo que o maior reconhecimento de expressão cultural do local é o batuque. “Em junho é realizada festa de Santo Antônio nos dias 12 a 14, em agosto acontece a festividade de São Joaquim, santo padroeiro da comunidade no período de 9 a 18,” (Ibid.2004, p.28),é considerada a festa de maior expressão cultural do lugar. Esta festividade tem um período de nove dias no mês de agosto apresentando algumas particularidades em relação às outras festividades religiosas que fazem parte do calendário religioso. A foto – 2 mostra o final da procissão da festa de

São Joaquim com o mestre sala, o padrinho e a madrinha da bandeira e os foliões em torno do mastro.



Foto 2 – Festa de São Joaquim – Fonte: Arquivo pesquisa de campo.

Os festejos ao santo contam com um grupo organizado de aproximadamente 22 pessoas com suas funções definidas e todos identificadas com a mesma vestimenta. São denominados Mestre Sala, Padrinho e Madrinha da Bandeira e os foliões de São Joaquim. Eles são responsáveis pela condução das ladainhas rezadas em homenagem ao santo.

No decorrer da festa a cantoria é feita com o acompanhamento de instrumentos. O

mestre-sala... toca uma campã, há um tambor, três pandeiros, duas violas, cinco reco-reco e três chocalhos”. Então, tem início ao “ritual” que é composto por duas “bandeiras brancas, uma do lado direito e outro do lado esquerdo do mestre-sala, que simbolicamente castiga os foliões”, por que “infringiram a tradição do costumes. (SILVA, 2004, p.28)

e a cerimônia inicia com a reza da ladainha. A foto- 3. Retrata a reza da ladainha em frente ao altar do santo, com mestre-sala, madrinha e padrinho da bandeira e os foliões.



Foto 3 Reza da ladainha. Fonte: Arquivo pesquisa de campo.

A festividade acontece duas noites de Batuque e dois bailes. A programação ainda conta com a procissão que percorre as ruas da localidade. A procissão também faz parte do calendário religioso da festividade de Nossa Senhora da Conceição. O festejo é realizado de 7 a 9 de dezembro e ainda temos a festa de São Thomé, que também é realizada no mês de dezembro no período de 20 a 22, encerrando as atividades festivas do calendário religioso.

Após a descrição do calendário religioso, passaremos a descrever como esses eventos culturais acontecem, fazendo um apanhado geral dos rituais que fazem parte das festas religiosas, para que não tenhamos que descrever minuciosamente cada festividade religiosa, já que existem certas similaridades entre as festas. Os rituais religiosos iniciam com as ladainhas que são realizadas em um período de nove dias em homenagem ao Santo festivo, onde toda comunidade é convidada a participar.

A festa é Promovida pela família festeira com a colaboração de alguns devotos do santo que desejam contribuir com a festividade. Deve-se ressaltar que é imprescindível o envolvimento da comunidade para realização das festividades religiosas, já que se trata de eventos de grande porte, e com inúmeras tarefas a serem realizadas, como matança dos bois que serão servidos na festa por conta dos homens e o trato e cozimento fica a cargo das mulheres, lembrando que essas pessoas que atuam nos bastidores da festividade não recebem nenhum tipo de remuneração. Eles estão trabalhando para o santo, por devoção, para pagar alguma graça alcançada ou simplesmente para colaborarem com a festa.

Segundo Piedade Lino Videira (2010, p.49), a “festa no quilombo do Curiaú não é somente a reunião de pessoas para celebrarem seus santos e entidades espirituais. Trata-se de uma forma de pensamento e prática social que serve para reafirma a ancestralidade.” Essas relações ritualísticas estabelecidas durante o festejo, são essenciais para a reafirmação das tradições culturais da comunidade.

Nas ladainhas, temos a presença dos chamados rezadores, figura central do ritual, e tal função que geralmente é delegada as pessoas com mais idades, visto que, são conhecedores do ritual religioso Como: o senhor João da Cruz e o senhor Joaquim da paixão que são uns dos mais presentes rezadores. Tem-se uma particularidade em relação às ladainhas rezadas no Curiaú, já que grande parte do ritual religioso é rezado em latim ou uma variação dessa língua. Fazem parte do ritual, soltar fogos de artifício no início, no meio e ao final da ladainha, e depois de terminado a reza é servido um lanhe para as pessoas que participaram do ritual. Seguindo com o ritual, geralmente no último dia da ladainha é realizado o tradicional Batuque ou Marabaixo.

A programação inicia com a alvorada festiva às seis da manhã, anunciando a festividade e convidando os moradores a participarem. Geralmente, ao meio dia é servido almoço e a noite o jantar, gratuitamente pelos festeiros aos brincantes e visitantes nos dias em que a festividade está acontece.

O Batuque de “boroco”, “borococho” que seria o barulho peculiar feito pelos instrumentos de percussão, o tambor e os pandeiros no Batuque e a caixa no Marabaixo feitos de couro; expressão usada pelo senhor Sebastião Meneses da Silva:

“a tensão de que eles estavam no esconderijo podiam ser vistos, então aquilo era só o Batuque e por ali ficava por que ainda não tinha facilidade de ter hoje, então não existe mais ninguém em qualquer então essa consequência, sempre houve o Batuque ele fazia o baile então era normal, agora no principio quando eram os escravos ai eles não tinham como fazer o baile, por que chamava mais comunidade que faça uma festa não sabe de boroco, que não venha a seguir o baile, por que a festa de boroco, pra vocês que não tenham o conhecimento sabe de boroco festa de couro, o material é de couro, borococho, borococho é o barulho que sai de instrumento feito de couro”. (Entrevista de SILVA),

A festa vai até o amanhecer regada a muita “gingibirra”⁹, bebida característica distribuída no batuque e Marabaixo, e por volta de cinco horas da manhã, acontece o ritual que é denominado de “aurora”, eventos em que batuqueiros, cantadores, dançadeiras e os brincantes saem pelo local, na casa do morador que desejar e tocam uma “peça” de Batuque, se festa acontece em uma sede próxima a uma Igreja ela também recebe os foliões para tocarem uma “peça”. E no sábado o encerramento da festividade com o “Baile” que vai também até o dia seguinte. Lembrando que a característica narrada com relação aos dias de realização sendo apenas dois é mais tradicional, atualmente em algumas festividades foram incluídas uma noite de baile da saudade e o encerramento é feito com uma domingueira.

Acabamos de descrever as festas que estão ocorrendo na comunidade Afradescendente do Curiaú, vimos que o publico da festa eletrônica não constitui identidade, nem com o som e nem com o DJ como ocorre nas festas paraense. Também destacamos as particularidades que envolvem as festas tradicionais do quilombo, além mostrar como ocorrem os rituais no período religioso. Portanto, no próximo tópico faremos uma análise do que foi tratado até agora com as considerações finais para que tenhamos uma percepção do que foi relatado neste trabalho.

4 Conclusão

Quilombo criouense, tradicionalismo e ancestralidade, representados em suas manifestações culturais seculares de muitos ritmos e religiosidade, e depois de decorrido mais de dois séculos e com o intenso processo de globalização na era contemporânea, tem

⁹ Gingibirra: bebida feita de uma mistura de gengibre, cachaça, açúcar e cravinho. É servida aos brincantes durante a realização da manifestação cultural do Batuque e do Marabaixo.

conseguido manter as suas tradições, apesar de sofrer forte influência do ambiente urbano, já que esse processo globalizante é entendido por alguns autores que escrevem sobre modernidade e pós-modernidade, como Stuart Hall, Giddens como um processo inevitável, por se ter uma visão de mundo em conexão, uma aldeia global, pelo grande desenvolvimento tecnológico, em que as informações podem ser acessadas em tempo real, praticamente de qualquer parte do planeta, utilizando os meios de comunicação de massa, como internet, canais de notícias e redes sociais.

A globalização se refere aqueles processos, atuantes em uma escala global que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações do espaço-tempo, tornando o mundo em realidade e em experiência, mais interconectado. (ANTHONY MCGREW (1992, Apud, Hall, 2006, p.67)

Portanto, a definição acima de globalização mesmo estando em um contexto mais geral, nos ajuda a entender o contexto mais específico de que estamos tratando, sobre as várias visões existentes da realização de festas eletrônicas na comunidade de remanescentes quilombolas. Se utilizarmos o conceito de globalização, poderemos fazer uma analogia com o que acontece no local, haja vista que a comunidade tradicional também faz parte do processo de globalização. Então, pode-se entender que a influencia que a comunidade está sofrendo, é reflexo do processo da modernidade e que na comunidade esta representado pela forte pressão urbana e pela realização de festas eletrônicas ou de aparelhagens que passaram a fazer parte da rotina da vida das pessoas do local, provocando vários impactos de aspectos culturais, sociais, ambientais entre outros. Que de certa forma é compreendido pelos moradores da comunidade, pois sabem que por mais que se tente jamais poderão evitar que alguns aspectos de sua cultura sejam modificados, transformados e adaptados, mas sabem que é importante que a comunidade tenha em mente, que depende de seus esforços e de seu auto-reconhecimento como remanescentes de quilombo para que suas tradições culturais possam ser mantidas e podemos perceber claramente esse processo de mudança, no trecho de uma entrevista realizada com um dos representantes da comunidade o agricultor e escritor Sebastião Menezes da Silva:

“a festa profana e religiosa só antes era tocada de clarinete, não tinha aparelhagens, depois faziam rodada de samba de viola é por isso que tivemos grandes violeiros aqui e esses mesmos violeiros eram os foliões da festa de São Joaquim, por que ali eles estavam se aprimorando a ficar com habilidade com acorda da viola e ser um folião de viola, hoje você não ver mais isto, quer dizer, a mudança no Curiaú ela acontece ao piscar de olho e se você não para e seguir junto com a evolução você fica pra trás”, (SILVA 2013)

Realizada essa pequena abordagem, partiremos para as diversas visões que estão estruturadas no artigo em relação, a realização de festas eletrônicas ou de aparelhagens que estão acontecendo na comunidade e os diversos impactos de ordem, cultural, social, ambiental causados por esses eventos que não fazem parte da cultura dos moradores do Curiaú.

Alguns moradores descrevem como impactos culturais as mudanças ocorridas em relação as suas festas tradicionais, na medida em que a partir da realização das festas eletrônicas na comunidade, percebe-se segundo relato de alguns representantes da área o pouco interesse de uma parcela de pessoas da comunidade e especialmente os jovens pela falta de participação nos eventos culturais tradicionais como o Batuque e Marabaixo, passando a privilegiarem as festas eletrônicas em detrimento a sua cultura quilombola. Como relata o senhor Joaquim, o jovem

não vai procurar um tambor, não vai procurar nada e quando toca o brega ele vai logo se remexendo, vai todo dia pra lá. [Os jovem] frequentam mais as festas de aparelhagem, do que as tradicionais. (...) Agora a própria comunidade está fazendo diferente, ela faz uma noite Batuque e faz três de baile. Tem cabimento uma coisa dessas”. (Entrevista realizada em 26 de Janeiro de 2013)

As pessoas que vislumbram a realização das festas como sendo importantes, visto pela ótica econômica, por ser uma forma de quem realiza esses eventos, auferir algum recurso financeiro, na falta de alternativa econômica de manutenção da sua sobrevivência, ou para angariar recursos para a realização das festividades religiosas, ou em alguns casos a questão é puramente comercial, ou seja, utilização da suposta realização das festas religiosas como forma de adquirir capital financeiro em proveito próprio e não se importam com a tradição cultural da comunidade, haja vista que no passado segundo relatos da presidente da associação de moradores Jozineide Araújo, segundo ela, esses eventos estariam totalmente descaracterizados, pelos números de dias que hoje acontecem

as festas, sendo que no passado os eventos festivos da comunidade basicamente, aconteciam em apenas dois dias. Como ressalta Jozineide,

nós mesmos quanto população temos que chamar atenção para uma situação. Eu creio hoje a festa tradicional que se diz N. S. de Guadalupe, São Tomé por exemplo. Ai você vê que a pessoa diz: eu tenho que fazer o batuque e o marabaixo. Eu vou fazer na primeira noite, ai a gente faz 5 noites de baile. Então você vê o desrespeito que existe com isso hoje em dia, não é mais a questão tradição, não é mais a questão da preservação do amor a cultura. Mas “sim o interesse próprio, o interesse particular, de até estar buscando a questão da exploração”.(ARAÚJO, Jozineide PRESIDENTE DA ASSOCIACAO DE MORADORES, entrevista realizada em 04/01/2013)

Este relato demonstra a preferência pelas festas profanas, além de mostrar o individualismo imperante hoje no curiaú. Pois, o interesse não é mais coletivo, mais sim, particularizado exploratório.

A festa eletrônica no Curiaú está promovendo diversão e ao mesmo tempo conflito, pois envolvem duas partes que visam interesses diferentes, portanto, há em disputa valores culturais distintos. Neste entrelaçamento, estão envolvidos agentes tradicionais que representam as festas religiosas e culturais e o moderno aparato tecnológico das aparelhagens de sons eletrônicos que se tornou parte integrante do cotidiano curiaense e ainda hoje, não foi encontrado um meio termo que possa solucionar a questão. Tais fatores contribuíram para responder as hipóteses.

Referencias.

ANDRADE, Luis, **Tópicos de Historia do Amapá**. Impressão gráfica São Jose.Macapá/AP,2000.

COSTA, Antonio Maurício Dias da, **A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará**. Campos 7(2):83-100, 2006 *UFPA*, Aprovado em 27 de Novembro de 2006.

CAMPOS, Nezilda Jacira Lourinho de, **Curiaú: estórias e histórias sobre a história de uma Vila – Campinas, São Paulo: [s.n], 2002**.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. En: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008- . -- ISSN 1999-8104.

Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988 - Brasília: Senado Federal, Subsecretária de Edições Técnicas, 2006. (Art.68).

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: introdução à ciência da humanidade** – 3º ed.rev e ampl. –São Paulo: Moderna, 2005. 343-358

COSTA, Antonio Maurício Dias da; Macedo, Cátia Oliveira. **“Festa de antigamente é que era festa”:** memória, espaço e cultura numa comunidade camponesa do nordeste paraense

FAVARETO, Arilson, et al. **Direitos de propriedade, eficiência econômica e estruturas sociais em um mercado de bens culturais – o mercado de música brega no Pará,** XXXI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS Caxambu - MG, 22 a 26 de outubro de 2007

FIGUEIRA, Divalte Garcia. et al, **Historia – volume único.** 1ª ed. São Paulo, editora , 2005

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11º ed. – Rio Janeiro: DP& A Editora, 2006.

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria - INCRA. Instrução normativa Nº 57 de 20 de outubro de 2009, Regimento Interno da Autarquia e Decreto Nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. (art. 1º e 2º).(Disponível em: www.incra.gov.br)

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico** – 24º ed. [reimpre.] - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os Quilombos no Brasil: Questões Conceituais e Normativas.** Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354

LIMA, Andrey faro de .**“É A FESTA DAS APARELHAGENS!” PERFORMANCES CULTURAIS E DISCURSOS SOCIAIS.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Antropologia, Belém/Pará Fevereiro de 2008

MAGNANI, José Guilherme Cantor, **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade,** 2º ed – São Paulo. Hucitec /UNESP, 1998.

MEDEIROS, João, Bosco, **Redação científica: a prática de fechamentos, resumos, resenhas.** 11º. ed – 3ª reimpressão, São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, Edna dos Santos. **Da tradição oral à escritura: a história contada no Quilombo de Curiaú** / Campinas, SP: [s.n.], 2006. Revista Estudos Amazônicos • vol. V, nº 2 (2010), pp. 105-124

RODRIGUES, Bruno Carvalho de Melo, et al. **O Arrasta Povo da Galera: Análise de Marca da Aparelhagem Pop Som**. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010

SILVA, Jairo da Silva e; PRESSLER, Neusa. **Hibridismo Cultural e Identidade Indígena na Aparelhagem Tuxaua**. - “Amazônia e o direito de comunicar” 17 a 22 de outubro de 2011 - Belém/PA – Mídia Cidadã – II conferência brasileira - VII conferência sul – americana.

SILVA, Sebastião Menezes da (2004). **Curiaú: a resistência de um povo**, Macapá: Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

VIDEIRA, Piedade Lino; **Batuques, folias e Ladainhas [manuscrito]: a cultura do Quilombo do Curiaú em Macapá e sua educação/** por Piedade Lino Videira - 2010. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Ceará.